



Fig. 1: Cícero Dias, Jogos, 1928. Aquarela sobre papel. 50 x 55 cm. Acervo Museu de Arte Brasileira - MAB/FAAP.

REFLEXÕES

O (DES)CLASSICISMO DA AQUARELA DE CÍCERO DIAS

SANDRA DAIGE A. CORRÊA HITNER
ABCA/SÃO PAULO

Céu e terra se misturam na nudez do panorama de Cícero Dias. O ar parece muito leve, fluido, e a temperatura ideal para se usufruir do ambiente. Apenas duas casinhas ordinárias vistas ao longe enfeitam a paisagem. Uma delas com grande cerca lateral lembra a locomotiva de um longo comboio deslizando no declive da montanha. As árvores que alcançam seu telhado seriam como rodela de fumaça. A outra, ainda mais afastada, só faz roubar o olhar.

No primeiro plano, uma jovem, meio descaracterizada em seu código iconográfico de musa, por conta da independência do artista aos princípios estilísticos, se torna reconhecível pela postura de seu corpo e um dos seios à mostra. Empina uma pipa e veste-se com túnica curta mal rematada na lateral, o que provoca grande fenda na roupa por todo o comprimento. Chama à memória modelos rústicos ou pré-históricos, sem que isso sensibilize o observador à sensualidade da personagem. É, portanto, bem simplória em seus atributos. Leva enfeite na cabeça e, embora propositalmente agreste, por

conta dos pelos denunciados embaixo do braço, a convenção de seu emblema de musa permanece, justificando a delicadeza de sua imagem pueril: prende na mão um buquezinho. Parece que flutua na paisagem, tão desprevenida da vida está, curtindo seu passatempo.

A uns passos dela, outra jovem dança. Seus movimentos parecem delicados e suaves. A música é provavelmente idealização própria. Tem os olhos fechados, o que denota um tipo de enlevo que transcende tempo e local. Tem por traje um vestido bem modesto e comportado, reto e estampadinho. Segura uma flor na mão, que acompanha o vai e vem de seu braço. A diluição dos requisitos icônicos para com sua imagem acabou por lhe atribuir um caráter muito informal e caipira, atenuando, portanto, seu reconhecimento como musa.

As duas jovens são observadas de longe por uma senhora. Como um ícone dantesco, assiste a tudo de cima de um penhasco. Confortavelmente instalada em seu privilegiado loft montanhoso, as benesses da maturidade

lhe atribuíram requintes no visual e na postura: sentada, bem-vestida e calçada, à sombra de uma árvore, observa o desenrolar da cena idílica entre as duas jovens, como uma zeladora. Puro entretenimento.

SANDRA DAIGE ANTUNES CORRÊA HITNER

Historiadora de arte, perita em análise de autenticidade de obras de arte. Formação profissional e credenciamento no Real Instituto do Patrimônio Artístico (IRPA), Bruxelas; e Albertina Museum, Viena, com doutorado e pós-doutorado. Instituições internacionais dedicadas à análise e preservação do patrimônio artístico e cultural, lá foram concluídos os exames da pintura a óleo de Hieronymus Bosch, do acervo do MASP (Museu de Arte de São Paulo) e, respectivamente, das gravuras de Albrecht Dürer da FBN-RJ (Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro). É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).